

Repercussões da Grande Onda

Percebemos em nossa atualidade continuamente o mundo recriado pela incrível velocidade das inovações tecnológicas, da telecomunicação e das produções científicas na medicina.

Causando com frequência a sensação de atraso ou desinformação. Digamos que o alimento é rápido demais para que o aparelho digestivo seja capaz de absorver, criando situações em que nos sentimos a margem ou deficitários, o que chamo de: A síndrome do sentimento de atraso.

Paradoxalmente observam-se as constantes inovações no ramo da medicina estética que nos são oferecidas, com a preservação da “juventude”.

Com a sutil ambição de parar ou desacelerar o tempo, que parece correr rápido demais. Tentar sentir-se mais jovem em meio a tanto sentimento de ser constantemente ultrapassado. Se antes “o tempo não pára”, como nos diz Cazuzza, agora ele parece andar rápido demais.

Convido que pensemos sobre este homem que entre tantas pressões externas algumas vezes parece desconhecer suas reais necessidades.

Deixando-se levar por este maremoto, esta grande onda que parece afogar-se em algumas perguntas importantes como: O que eu quero? O que preciso? O que julgo suficiente? E o que seria mais que suficiente?

Este homem é convidado por esta onda a ser expectador do novo no mundo, aguardando ao próximo comando, expiando a onda, como quem assiste ao Big Brother. Usando seus olhos para assimilar o que vem de fora, talvez vendo, mas sem muitas vezes enxergar...

Corre-se o risco deste mesmo homem não perceber as ondas que vem de dentro, como se uma grande onda devastasse e o fizesse esquecer que ele tem uma história, cultura, idade e preferências.

Como uma onda que carrega a todos, mostrando-se mais forte que as pernas dos homens que relutam em entregar-se diante de sua força.

Penso que não é de se estranhar que as pessoas sintam-se solitárias e tristes. Talvez solitárias por falta de encontrarem-se com quem mais importa: Com elas mesmas, suas opiniões, afetos e princípios.

Podemos pensar no papel que a droga algumas vezes ocupa como falso mediador destas ansiedades, a compulsão pelo trabalho, pela beleza ou por relações amorosas.

Convido a pensar nas descobertas que apareceriam neste momento de silêncio necessário.

Finalizando, lembrei de Voltaire em “Cândido ou o Otimismo”. Quando no final da obra, o filósofo turco descreve sabiamente o caminho para a felicidade dizendo que embora não tivesse muitas terras, o importante era poder cultivar o seu jardim. Ao que Cândido responde: “Está bem dito... é preciso cultivar nosso jardim!”. E deixo então a questão: Para isto é preciso que cada um se permita conhecer o seu jardim, para então poder cultivá-lo...

Simone Armentano Bittencourt

Psicóloga do Instituto Cyro Martins